



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8586 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 09 - Trabalho e Educação e Movimentos Sociais

**O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA EM KARL MARX**

Ana Caroline de Assis Costa - UFG - Universidade Federal de Goiás

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### **O TRABALHO NA SOCIEDADE CAPITALISTA EM KARL MARX**

As reflexões deste trabalho fazem parte da dissertação em andamento "O Trabalho Infantil no Youtube Kids: Youtuber Mirim em Análise", inserida na linha de Pesquisa Fundamentos em Processos Educativos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás-UFG, e é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES. Pretendemos discutir nessa comunicação o trabalho no modo de produção capitalista, a partir de Marx, por acreditar que esse autor apresenta elementos relevantes que nos auxiliam o entendimento dos desenvolvimentos e das contradições do trabalho na atualidade.

O trabalho sofre transformações quanto a sua natureza ao longo dos modos de produção da sociedade, pois é determinado pelas condições históricas concretas (MARX, 1985), por isso, se quisermos compreendê-lo, temos que estudá-lo na particularidade histórica do capitalismo. Marx (2008) revelou que na sociedade capitalista o trabalho é alienado, pois há a subsunção do trabalho como reconhecimento da humanidade à meio de existência, sobrevivência, estranhamento. Na produção capitalista há o ocultamento do trabalho do trabalhador, impedindo que ele se reconheça. Assim, há a alienação do processo do trabalho, do outro, da gênese humana e do produto, ou seja, acontece a perda da consciência da produção da própria vida e da humanidade.

Se o que se produz só é valorizado se puder ser vendido no mercado de trocas, o produto só é reconhecido de for produzido como mercadoria, por isso o trabalho é predominantemente a produção de mercadorias. A produção de mercadorias realiza a inversão do valor do trabalho pelo valor dos produtos do trabalho. O trabalhador nessa condição torna-se subordinado as mercadorias, e quanto mais o trabalhador produz, menos tem para si, menos é reconhecido.

E o que são mercadorias? As mercadorias possuem *valor de uso* e *valor de troca*. O *valor de uso* consiste na propriedade intrínseca de cada elemento. Cada produto possui um valor por excelência, uma substância, uma propriedade do que se compõe e que realiza as necessidades biológicas e da imaginação. O *valor de uso* é a utilidade de cada coisa, com suas características históricas e com tudo que foi constituído dessa relação, por isso é trabalho (MARX, 1978).

O *valor de uso* tem características qualitativas e quantitativas. A característica quantitativa está na quantidade mensurável de existência de cada objeto, se tem muito ou pouco, se é fácil ou difícil de encontrar na sociedade. A qualidade advém de suas propriedades substanciais e o quantitativo, da disponibilidade na sociedade, ou seja, o que é e quanto tem de algo.

O *valor de troca* presente nas mercadorias é a capacidade de permutabilidade das mercadorias. Ele aparece quando se troca uma mercadoria por outra, troca-se um *valor de uso* por outro *valor de uso*, que se baseia na necessidade de uma coisa diferente daquela que já se possui. Qualquer que seja a relação de troca, ela sempre será dada entre valores de usos diferentes e por uma quantidade que é colocada como equivalente a outra quantidade (MARX, 2018).

Assim, todas as coisas podem ser trocadas desde que as mercadorias sejam equiparadas. Na troca, o trigo, pode ser equivalente a "x" gramas de ouro ou a "y" quilos de arroz. Essa relação aponta para o fato de que algo é considerado igual, presente em todas as mercadorias, ou seja, para terem valores de troca é necessário algo em comum que possibilite a troca. Esse algo comum é o *valor* (MARX, 2018).

O *valor* de uma mercadoria não é o mesmo que *valor de uso* ou do *valor de troca*. O *valor* é o trabalho humano despendido na produção de uma mercadoria. O *valor* da mercadoria tem como grandeza o tempo socialmente necessário para produzir uma mercadoria. Esse tempo socialmente necessário é a quantidade de tempo mínimo de trabalho despendido para a produção de uma mercadoria.

É o *valor* que possibilita as trocas das mercadorias. Essa compreensão revela que trocamos trabalhos, produtos do trabalho produzidos em um determinado tempo por outras mercadorias produzidas em outros determinados tempos. O *valor* de uma mercadoria está para o *valor* de qualquer outra mercadoria, assim como o tempo de trabalho necessário para a produção está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra. O que acontece é que na troca, “como valores, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho cristalizado” (MARX, 2018, p. 163). Cristalizado porque todo produto tem um tempo necessário para a produção, mas no capitalismo não importa as condições históricas concretas e técnicas dos meios e do processo de produção, o que valerá no *valor* da mercadoria é o trabalho em menor tempo de produção que deverá ser equiparado a outra mercadoria produzida por trabalho em seu menor tempo.

No processo de produção da mercadoria, o *valor de uso* é subsumido ao *valor de troca* e o *trabalho concreto* ao *trabalho abstrato*. O *trabalho concreto* é o processo técnico-material de produção. Cada mercadoria demanda trabalhos concretos distintos como recursos técnicos, conhecimentos múltiplos e forças de trabalho para elaboração de determinados processos técnico-material de produção (MARX, 2018). Se abstrairmos o trabalho concreto, sua unicidade, especificidade produzida em uma concreticidade objetiva, só aparece o *trabalho abstrato*.

O *trabalho abstrato* se constitui na troca de mercadorias. O valor do trabalho se confronta com valor de todos os outros trabalhos concretos no mercado das trocas. Nesse processo, o *trabalho concreto* é submetido ao *trabalho abstrato* e todos os trabalhos podem ser trocados e igualados formando uma grande geleia de trabalhos abstratos (MARX, 2018). O trabalho abstrato constitui o *valor* da mercadoria, independente das diferenças do ato produtivo e do contexto da produção.

É exatamente pela produção ser dessa forma que a mercadoria oculta os trabalhos humanos, mostrando na sua aparência que ela é autônoma. Dessa forma, todos os trabalhos concretos transformam-se em abstração. O que se vê são as mercadorias indo ao mercado e não as relações sociais, o trabalho, engendrados nas mercadorias.

Para Marx (2018), são as mercadorias que regulam o valor das trocas quando comparadas umas com as outras. É nesse processo que há a necessidade de uma mercadoria se tornar o valor de equivalência universal de todas as outras mercadorias. As mercadorias por elas mesmas são valores *relativos* sem um *equivalente* para todas elas, por isso é necessário um tipo específico de representação da sua forma. O dinheiro é o valor universal de equiparação, é a representação universal da forma mercadoria.

A forma imediata da circulação de mercadorias é a venda de mercadoria M e dinheiro D, ou seja, M-D-M, conversão de mercadoria em dinheiro e reconversão de dinheiro em mercadoria, vender para comprar. Mas o que potencializa o capitalismo é fazer com que o dinheiro se transforme em capital acumulado. No desenrolar do sistema capitalista, o capital é dinheiro que se transforma em mercadoria por meio da venda da mercadoria, transformando-se em mais dinheiro. Temos D-M-D, comprar para vender mais. O dinheiro que circula deste último modo transforma-se em capital porque na aplicação do capital em mercadorias, gera mais dinheiro durante a extração de mais-valia dos trabalhadores envolvidos na produção. A transformação de dinheiro em capital só é possível pelos que possuem capital, ou seja, pelos donos dos meios de produção.

A burguesia compra a força de trabalho dos trabalhadores, e nessa compra explora do trabalhador o tempo de trabalho que não é pago. Esse processo é denominado de *mais-valia*. A *mais-valia* é efetivada na produção de excedentes na produção de mercadorias e só pode ocorrer na intensificação do trabalho. Esse fenômeno ocorre quando o capitalista impõe um ritmo de produção para produzir mais-valor. Esse mais-valor é extraído do excedente do valor pago da matéria-prima dos produtos, das ferramentas e do salário do trabalhador, e esse excedente, toma a forma de lucro, que é o valor extraído a mais que as despesas que o capitalista teve para a produção de uma mercadoria. Para isso, o capitalista faz com que o trabalhador produza mais em menor tempo para alcançar seu lucro. A *mais-valia* pode se realizar de forma absoluta ou relativa.

Na *mais-valia absoluta* o tempo de trabalho necessário aumenta por meio do prolongamento da jornada de trabalho. Quanto mais se pode prolongar o tempo de produção do trabalho do trabalhador, mais se aumenta o mais-valor extraído. Porém, para isso esse tempo estendido não é pago, é roubado nas exigências de prolongamento da jornada de trabalho, no tempo de chegar mais cedo e sair mais tarde.

Na *mais-valia relativa* o salário pode ser comprimido sem qualquer violação da organização estrutural do capital, pois se trabalha mais em menor tempo, sem o prolongamento da jornada de trabalho em tempo real. O que é feito é a compressão do tempo, na forma relativa da mais-valia. O trabalhador trabalha intensamente em menor tempo. Assim, se reduz o tempo socialmente mínimo para a produção das mercadorias.

O que é gasto com o trabalhador é o *salário*. *Salário* é a forma monetária recebida pelos trabalhadores em troca da venda de sua força de trabalho. Os níveis de *salários* são socialmente estabelecidos em diferentes situações e interesses sociais, mas como ponto de partida corresponde ao tempo de trabalho. Porém o que é pago é a expressão monetária do valor do trabalho e não da força de trabalho. Isso porque se o valor da mercadoria como vimos anteriormente é o tempo de trabalho despendido em sua produção, o valor do trabalho é apenas uma expressão irracional para o valor da força de trabalho, já que a força de trabalho é referente a toda a produção e dispêndio de trabalho que se relaciona com o valor da mercadoria produzida, mas o que é pago ao trabalhador é calculado na sua jornada de trabalho, o valor do trabalho.

O trabalho assalariado tem como característica estabelecer a troca da força de trabalho por uma determinada quantia de dinheiro chamada salário. Cada trabalhador adiciona tempo de trabalho e, conseqüentemente, valor. A força de trabalho tem um valor de uso que pode ser vendida, trocada, e essa condição implica no trabalhador que se reconhece somente na condição de trabalhador assalariado e produtivo para a sociedade.

Com essa reflexão percebemos o quanto o entendimento do trabalho no capitalismo é fundamental para analisarmos se a atividade do Youtuber Mirim é trabalho. Estamos nesse processo de análise.

## REFERÊNCIAS

MARX, K. **O capital**: capítulo VI (inédito). 1º edição. São Paulo: Livraria editora ciências humanas LTDA. 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Ed. 1. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K. **O CAPITAL**. Ed. 2. V. 1. São Paulo: Boitempo, 2018.

**Palavras-Chave:** Trabalho. Trabalho Capitalista. Teoria do valor. Marx.